

JUVENTUDE, UMA CATEGORIA EM DISPUTA POLÍTICA

YOUTH, A CATEGORY IN POLITICAL DISPUTE

LA JUVENTUD, UNA CATEGORÍA EN DISPUTA POLÍTICA

Mário Pires Simão¹

DOI: 10.54899/dcs.v22i85.4686

Recibido: 30/10/2025 | Aceptado: 13/11/2025 | Publicación en línea: 03/12/2025.

RESUMO

Este artigo se propõe a um debate conceitual sobre a categoria juventude. Sua abordagem recupera o sentido relacional e analítico desta categoria e busca construir um olhar outro para a noção de juventude, que ultrapasse a centralização na concepção de tempo. O argumento reside nos limites postos pela cronobiologia que caracteriza as tipologias de juventude que são dominantes, apontando para fronteiras mais movediças que identificam os grupos sociais que denominamos como jovens. O texto caminha para questionar o que entende como manipulação da experiência de ser jovem contida na definição espaço-temporal das juventudes e conduz sua crítica a construção homogênea da categoria juventude, apostando no caráter dinâmico e inventivo destes sujeitos e de seu papel hoje na construção de si na Pólis. Por fim, em suas considerações finais, o trabalho aponta o desafio para uma produção acadêmica e científica que reconheça os traços e manifestações tão plurais dos jovens no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Juventudes. Cultura. Contemporaneidade. Práticas Sociais Juvenis.

ABSTRACT

This article proposes a conceptual debate on the category of youth. Its approach recovers the relational and analytical meaning of this category and seeks to construct a different perspective on the notion of youth, one that transcends the centralization on the conception of time. The argument lies in the limits imposed by chronobiology, which characterizes the dominant typologies of youth, pointing to more fluid boundaries that identify the social groups we call young people. The text questions what it understands as the manipulation of the experience of being young contained in the spatio-temporal definition of youth and directs its critique towards the homogeneous construction of the category of youth, betting on the dynamic and inventive character of these subjects and their role today in the construction of the self in the Polis. Finally, in its concluding remarks, the work points to the challenge for an academic and scientific production that recognizes the plural traits and manifestations of young people in the contemporary world.

Keywords: Youth. Culture. Contemporaneity. Youth Social Practices.

¹ Doutor em Geografia, Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil.
E-mail: mariosimao.uerj@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3690-8884>

RESUMEN

Este artículo propone un debate conceptual sobre la categoría de juventud. Su enfoque recupera el significado relacional y analítico de esta categoría y busca construir una perspectiva diferente sobre la noción de juventud, que trascienda la centralización en la concepción del tiempo. El argumento se centra en los límites impuestos por la cronobiología, que caracteriza las tipologías dominantes de juventud, señalando límites más fluidos que identifican a los grupos sociales que llamamos jóvenes. El texto cuestiona lo que entiende como la manipulación de la experiencia de ser joven contenida en la definición espacio-temporal de juventud y dirige su crítica hacia la construcción homogénea de la categoría de juventud, apostando por el carácter dinámico e inventivo de estos sujetos y su papel actual en la construcción del yo en la polis. Finalmente, en sus conclusiones, el trabajo señala el desafío de una producción académica y científica que reconozca los rasgos y manifestaciones plurales de los jóvenes en el mundo contemporáneo.

Palabras clave: Juventud. Cultura. Contemporaneidad. Prácticas Sociales Juveniles.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

UMA CATEGORIA CULTURALMENTE CONSTRUÍDA

Pierre Bourdieu tem uma frase exemplar que utilizaremos para iniciar este trabalho: “*a juventude é apenas uma palavra*” (1983). Apesar da obviedade de sua afirmação, entendemos sua pertinência. Num artifício extremamente provocativo, o autor salienta como determinadas construções podem ser objeto de manipulação. Num contexto de disputa política, categorias como a juventude se apresentam como estruturas analíticas muito pertinentes e desafiadoras, principalmente por despertar em cada um de nós o desejo e, ao mesmo tempo, a dúvida, posto que denotam relações de poder históricas de nossa sociedade.

O nosso ponto de partida para este artigo é exatamente o reconhecimento de que juventude é uma categoria relacional e, como tal, é preciso tecer mediações, construir espaços de reflexão analítica para decifrá-la como um fenômeno social complexo e, portanto, desafiador. Não existiriam jovens se não pela inteligibilidade humana. Não poderíamos investigá-la como um fenômeno social sem que pudéssemos entendê-la como uma categoria construída, algo que só pode ser compreendido num contexto espaço-temporal. A juventude não se encerra em si mesma. Ela é uma categoria produzida e produtora do mundo. Não é uma categoria abstrata ou simplesmente teórica que não tem rebatimento algum na realidade que construímos.

Rossana Reguillo, cientista social mexicana afirma que esta é uma categoria culturalmente

construída e datada (2007, p. 49)². Não podemos tratá-la como uma essência. Em outras palavras, caminhamos na mesma perspectiva de outros autores que dedicaram seus estudos a compreender como conceitos e estruturas refletem uma determinada consciência de mundo e a justificam. Os referenciais que utilizamos para fixar limites, estabelecer agrupamentos, eleger repertórios sobre os jovens são necessariamente construídos numa teia de símbolos e práticas sociais que envolvem relações de forças em nossa sociedade. Nesse sentido, podemos nos remeter a Elias (1994) em sua reflexão sobre a civilização dos costumes como elemento indispensável para a constituição de uma ordem moderna que se retro alimenta³.

Do mesmo modo que não podemos representar a juventude por si mesma e, como nos diz Reguillo, não podemos tratá-la como um “contínuo temporal e a-histórico”, caminhamos ao longo deste trabalho com a tese de que não podemos subtrair ou menosprezar a dimensão espacial em sua capacidade conceitual e prática de nos fazer operar com uma perspectiva mais elástica e plural de juventude.

Falar de juventude é lidar com um parâmetro que podemos denominar de uma cronobiologia, que se manifesta pelo modelo dos ciclos da vida, consolidando-se como representação hegemônica de juventude. Afirmamos que o tempo se constitui como categoria central que estrutura a juventude como um fenômeno social a partir do ordenamento da vida coletiva.

Ao traduzir a juventude pelo recorte etário temos a manifestação mais óbvia do tempo como ordenador da vida moderna. Tal como a noção de tempo a partir dos modernos se configura como uma grandeza unidimensional, constituída parcelarmente, mas perpassada por um tempo único que caminha para o infinito, a juventude também é traduzida como um uma categoria genérica, que tende geralmente a diluir as diferenças a traços meramente conjunturais dos indivíduos. É o tempo que define o ser jovem.

Pensada como um fenômeno cronológico, biológico e cultural, esta juventude acaba por se tornar uma representação e, como tal, uma elaboração cognitiva e operacional que faz a mediação entre os sujeitos e o mundo. Se há, portanto, um recorte cronológico, deve-se a centralidade do tempo para explicar o que somos e fazemos de nós. Se há uma descrição biológica centrada numa ideia da etapa de vida em transição, é porque um paradigma cientificista se

² In: FÁVERO et al [org], 2007

³ Norbert Elias trabalha com um conceito de sociedade como uma rede de relações. Para o sociólogo alemão o que entendemos como um conjunto social é uma teia de relações que se constrói e reconstrói permanentemente a partir dos elementos que o compõe.

consolidou como verdade sustentando nosso pensamento em explicações concretas e mensuráveis, uma delas a afirmação ancorada numa racionalidade científica. Se há um recorte cultural específico da juventude, nada mais convencional do que uma arquitetura e uma sociologia do conhecimento que possa abarcar o universo de questões ao qual este se conecta.

A centralidade no tempo está na ordem mais elementar da formação desta categoria. Uma breve investigação em enciclopédia livre nos trará uma definição bem expressiva desta centralidade. De acordo com a Wikipédia, navega-se por uma definição que tem na transição seu elemento estruturante⁴. É possível destacar vários elementos desta centralidade. O primeiro deles é a própria definição de *imaturidade*, ou seja, um posicionamento em termos de biopsíquicos do indivíduo numa escala comparativa com os outros, ou seja, um posicionamento dado numa escala temporal. O segundo elemento que aparece com léxicos distintos é uma das dimensões modernas do tempo, isto é, sua tradução em termos de grandeza unidimensional, que nos permite encarar o tempo em sua infinitude, mas que constitui-se de partes em seu interior. Vejamos então as palavras *período*, *variações*, *idade*, *fase* e *processo*. Por fim, mas não menos significativo, é a noção de que o jovem *torna-se*, ou melhor, está num movimento de ser algo que ainda não é, ou seja, que o tempo é capaz de fazer com que seja.

Similarmente podemos tomar a reflexão de Melucci, que sinaliza,

Uma análise em termos de perspectiva temporal considera o tempo como um horizonte no qual o indivíduo ordena suas escolhas e comportamento, construindo um complexo de pontos de referência para suas ações. (MELUCCI, 2007, p. 34)⁵

Este horizonte apresentado pelo autor é diretamente vinculado ao primado da razão moderna. E, como tal, convém salientar que diferentes noções de tempo foram construídas. Mas, esta temporalidade moderna tem devida proporcionalidade com o predomínio das engrenagens centrais da produção capitalista. Melucci ressalta a estreita correspondência do tempo moderno com a máquina. Em suas palavras era uma forma de superar definitivamente o tempo em sua dimensão mais subjetiva, assentada nas percepções individuais. O tempo da máquina é o tempo cronometrado, medido, fragmentado e acumulado numa sequência essencialmente ritmada da

⁴ Jovem é entendido como sendo forma imatura de um ser vivo, sendo o período antes da maturidade sexual. Para o ser humano esta designação refere-se ao período entre a infância e a maturidade, podendo ser aplicada a ambos os sexos e podendo haver variações no período de idade que ocorre de acordo com a cultura. Nesta fase, grande parte do aprendizado ocorre fora das áreas protegidas do lar e da religião, a conversa torna-se parte importante do processo. Extraído da wikipédia (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Juventude>)

⁵ In: FÁVERO et al [org], 2007

produção fabril.

Outra dimensão fundamental deste tempo moderno é sua orientação finalista, ou seja, um desenho de linearidade que ordena as coisas e as ações para uma direção. Desse modo, o tempo aponta sempre para um final. É esta centralidade que interpõe categorias e conceitos. Uma cronobiologia advém desta construção. O problema desta linearidade é principalmente o quanto ela deixa um legado de permanências para as juventudes, engessando o olhar da sociedade para as múltiplas formas como os jovens se constituem e se posicionam no tempo atual.

Nenhum sentido seria garantido numa temporalidade que se esgotasse em si mesma. A biocronologia que nos conduz à categoria juventude não é um fenômeno natural. Poderíamos entender esta biologia apenas em sua dimensão de vida biológica. Contudo, cabe resgatar a dimensão de *bios político* de Aristóteles. O *bios político* é o sujeito da ação. Diante disso, queremos apresentar um recorte que consideramos oportuno a nossa construção desta juventude como categoria em disputa política e também salientar como a dimensão cultural se coloca como mister para pensar os jovens em seus modos de vida no contemporâneo.

Uma vez que opera-se com esta cronobiologia da vida, que desemboca em palavras como infância, adolescência, juventude e assim por diante, temos uma manifestação objetiva desta construção de uma natureza humana que pode ser apropriada à luz da racionalidade da ciência. Um dos pilares do paradigma cientificista é a sua preocupação com a busca de explicações comprováveis dos fenômenos, o desafio incessante introduzido por Descartes de discernimento entre o que era falso e o que era verdadeiro. Em seu *Discurso do Método*, Descartes nos aproxima da linguagem matemática e descortina os horizontes de uma ciência que conduzisse às permanências, ou melhor, ao que efetivamente poderíamos receber como fato.

O resgate de autores da filosofia moderna tem dois objetivos muito precisos. O primeiro está diretamente relacionado à ordem classificatória de construção de estruturas modulares sobre a juventude; estruturas que se assentam numa concepção de que os indivíduos possuem identidades fixas, mesmo que socialmente construídas. Neste pressuposto, o tratamento da juventude em tipologias, em tentativas de agrupamento por características comuns, compartilhadas por um número razoável de indivíduos. Individualmente vira-se jovem e no coletivo, viram juventude.

Não queremos dizer com isso que não há legitimidade na concepção do sujeito universal, de um indivíduo que está para uma sociedade. Para nós esta construção da ideia de juventude é primordial, porque nos permite pensar a partir de algum referencial, principalmente no sentido da

construção da dignidade da pessoa humana. Contudo, aqui nesta problematização, pretendemos destacar pelo menos um elemento que nos parece central desestabilizar, a saber: a noção de que a vida está desenhada em nome de um futuro que se deve e pode construir, por isso a construção de uma vida ordenada em ciclos e apontando sempre para o futuro. Dessa maneira, estas duas estruturas paradigmáticas são, em nossa leitura, fundamentais em termos de onde posicionamos as disputas políticas em torno da categoria juventude.

Os Limites da Cronobiologia

Conforme assinalado anteriormente, a primeira insuficiência que identificamos está na representação da juventude como uma entidade cronológica. Abramo (2008, p. 37), referindo-se a uma pesquisa de abrangência nacional no Brasil sobre o perfil da juventude brasileira, alerta que não se pode traduzir com exatidão o termo, mas em linhas gerais a aceção mais aceita é aquela que situa este grupamento como uma etapa do ciclo da vida entre a infância e a idade adulta.

Assim é possível considerar uma noção de juventude pautada pela condição peculiar de vida, isto é, uma condição transitória, uma passagem que é marcada por mudanças significativas em suas condições físicas, mas também em seus atributos sociais e culturais. Desse modo, genericamente este agrupamento é definido por indivíduos que estão situados numa determinada fase do ciclo da vida.

Ribeiro e Lourenço (2003) destacam que a juventude não pode ser encarada simplesmente como uma etapa cronológica da vida, mas como uma categoria socialmente produtora do mundo das coisas. Segundo as autoras, juventude não pode ser encarada como algo descolado da dimensão espaço-temporal. Ela é uma construção histórica e cultural e como nos dizem

As fases do ciclo da vida só podem ser refletidas através dos vínculos entre gerações, isto é, das práticas e valores que conduzem a reprodução social, sejam estes observados no plano imediato das famílias ou no âmago das relações entre sociedade e Estado. (RIBEIRO e LOURENÇO, 2003, p. 38)

Uma vez que a juventude só pode ser captada no contexto espaço-temporal em que está inscrita cabe reconhecer que convive-se com condições bastante plurais, díspares que incidem sobre organização dos ciclos vitais. Em outras palavras, as autoras nos alertam para “totalidades sociais”, como nação, classe social, que poderíamos chamar de conceitos estruturantes, que

atingem diretamente a existência individual e coletiva, inclusive no que se refere a sua organização temporal. Embora as autoras tenham se concentrado na descrição destas “totalidades sociais”, elas assinalam o significado destes conceitos do ponto de vista da concepção hegemônica de tempo. Isso demarca claramente a valorização da categoria do tempo para a composição dos conceitos que estruturam as práticas e a própria existência humana, individual ou coletiva.

Com isso a representação mais recorrente que se aplica a juventude é aquela que a define a partir da noção de *limite*. Ser jovem é, portanto, situar-se entre o limiar da infância e o início da fase adulta e, com isso, configura-se como uma ponte entre ausência de autonomia e independência e os ensaios de maturidade e de controle sobre suas próprias faculdades mentais e destinos (Levi;Schimtt, 1986, Apud CASSAB, 2001). Mas cabe destacar que estes limites dependem de diferentes conjunturas sociais e podem variar conforme a vivência de cada indivíduo. Cada um deles constrói para si uma rede multifacetada de elementos cognitivos, emocionais, culturais, todos sempre mediados no tempo e no espaço em que a vida do sujeito acontece. Significa que está sempre envolvido por uma teia de símbolos e valores que variam conforme cada momento histórico e cada contexto espacial.

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS) adolescência caracteriza o período de vida que segue entre 10 e 19 anos de idade. O discurso predominante para esta organização certamente é marcado pelo conteúdo biológico e define o período como sendo um momento em que a vida passa por transformações biológicas e alterações na personalidade e vai adquirindo nova forma. Este processo possui impacto sobre a imagem que o indivíduo faz de si e tende a colaborar para sua relação com os outros sujeitos sociais. De modo semelhante, para o IBGE, jovem é aquele indivíduo que se situa no recorte etário que vai de 15 a 24 anos de idade. Constituem um recorte que requer atenção das políticas públicas e conforme o documento “Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica – número 3” publicado em 1999, uma atenção especial em face as demandas sobre a economia e sobre as políticas sociais que este grupo apresenta.

A partir das duas definições oficiais descritas, pode-se perceber que existem aferições que se sustentam em bases distintas. De uma forma ou de outra, a caracterização deste grupamento é por vezes ambígua, uma vez que se pauta em critérios biológicos, mas também recorre ao conjunto de práticas sociais e seus significados para esta faixa de idade. Uma única definição não traduziria a complexidade de construções e significados atribuídos ao grupo. Se por um lado a

juventude é vista como etapa, por outro é percebida como condição emocional. Carrega em si a esperança, mas também pode figurar entre os que geram permanentemente desconfiança.

Não é difícil reconhecer que a noção de limites temporais e da lógica da etapa de vida em formação, isto é, eminentemente transitória, se pauta pelo referencial do outro e não da própria experiência jovem. Ser jovem, portanto é não ser criança e também ainda não ser adulto. Como explicar sujeitos tão heterogêneos a partir dos limites temporais? Considerando ainda uma ruptura com este tempo linear tipicamente da modernidade, não mais os limites de faixa etária traduzem o comportamento esperado. Um bom exemplo disso é o reconhecimento de que existem conhecimentos facilmente assimilados pelos mais jovens, como aqueles vinculados ao desenvolvimento das tecnologias, que os mais velhos têm mais dificuldades em se apropriar, o que coloca em cheque uma lógica temporal linear e harmônica.

Estamos diante de um universo variado de trajetórias juvenis forjadas em ambientes e contextos sociais muito distintos, dessa maneira aquelas totalidades sociais – conforme dito por Ribeiro e Lourenço anteriormente – são produtoras de classes de tempo distintas, porém simultâneas. É possível falarmos desse modo de temporalidades díspares e temporalidades concorrentes, o que dificultaria uma noção clara dos limites estabelecidos por faixa etária para uma escala geográfica maior.

Melucci (2007, p. 33)⁶ ressalta que a linearidade presente no tempo moderno é cada vez mais questionável. Hoje estaríamos convivendo com tempos tão diferentes, de modo que as experiências temporais estariam paulatinamente aumentando. Um exemplo recorrente pertinente a vida dos jovens é a extrema compressão do tempo como consequência do aparato tecnológico cada vez mais sofisticado, que multiplica as chances de interlocução e amplia o repertório de vivências dos jovens que são cada vez mais motivados por estes recursos. Outra dimensão desta temporalidade em crise é a perda do referencial de certeza a que se propôs difundir. Entre os jovens reza-se cada vez mais a cartilha da incerteza e da descontinuidade. Pouco se planeja e quase tudo é efêmero.

Uma referência marcante da juventude é a que valoriza os aspectos comportamentais, seus hábitos, gostos e emoções. Embora possamos falar de um conjunto diverso de caracterizações, que partem de aspectos comuns a grandes grupos ou a especificidades de determinados grupos sociais, no geral prevalece a ideia de uma identidade juvenil. Alguns falam de um “espírito” jovem, que atravessaria inclusive a faixa etária oficialmente definida como juventude.

⁶ In: FÁVERO et al (orgs.), 2007, p. 33

Há diversos e diferentes estudos, análises e teorias, passando pelas Ciências Sociais até as Ciências Médicas e Biológicas, dedicados às características, práticas e estéticas compartilhadas por grupos específicos ou por todos aqueles que se encontram nesta faixa de idade. Mas, poderíamos nos perguntar sobre a finalidade de fortalecer esse universo juvenil, esta identidade de grupo, para além do risco que temos em atenuar ou ocultar diferenças internas a estes grupos, diferenças estas que podem atuar como argumento real e concreto para questionar esta própria identidade comum.

Melhor ainda seria uma interrogação sobre a possibilidade de realizar este tipo de agrupamento. Trata-se de um expediente muito praticado, ou seja, de recorrer à noção de uma identidade jovem, de grupos, de tribos urbanas. Não é uma ferramenta que se possa desprezar, uma vez que os estudos que seguem esta linha são reveladores dos códigos, do significado das práticas diversas que temos em relação à juventude. O problema está muitas vezes no risco de encarar estas identidades como essenciais, como se elas pudessem fazer uma tradução perfeita e acabada sobre tais grupos. Afinal, o conceito de identidade pode não mais se adequar a esta natureza diversa em que o jovem contemporâneo emerge. Pensar a identidade é, por mais rico que seja este conceito, arriscar a permanecer sob a égide do tempo e de um sujeito ainda referenciado por uma relação objetivada do mundo e com o mundo.

Para fins de nossa reflexão aqui neste documento, tornar-se imperioso não menosprezar o conceito de identidade, mas para entender uma juventude espacializada, precisaremos pensá-la sob outra ótica, ou seja, pela dimensão da diferença. Mas antes de chegarmos a isso, é prudente situarmos dessa feita o lugar que reservamos a esta dimensão da identidade social nos termos da juventude que estudamos.

Há, portanto, uma diversidade de juventudes a serem analisadas que não conseguimos vislumbrar nas clássicas tipologias que são aplicadas a juventude. A concepção de uma geração marcada pelo seu tempo vem, a nosso ver, cedendo cada vez mais lugar para uma pluralidade de identidades sociais, locais ou não. As antigas categorias de análise, como classe social, cor, sexo, entre outras, ganham novos contornos e significados sociais na constituição das identificações juvenis. É como aponta Turra Neto, um campo de possibilidades (TURRA NETO, 2025). Embora tenhamos sujeitos sociais dentro de uma mesma faixa etária, deparamo-nos cada vez mais com uma variedade de composições para além destas categorias históricas. Grupos, bandos e tribos representativos de diferentes estilos têm se apresentado no universo juvenil.

Por um lado, o conceito de identidade poderia nos conduzir para a unicidade da categoria

juventude. Segundo Grinspun e Guimarães

(...)torna-se incompatível o estudo de tais realidades tão complexas e plurais, chegando a ser desrespeitoso o fato de considerar os jovens todos iguais e suscetíveis a um mesmo padrão de critérios investigativos. (GRISPUN e GUIMARÃES, 2008, p. 8)⁷

Delimitando ainda mais o sentido desta categoria, as autoras apontam

Sendo assim, pode-se considerar a juventude como resultante de uma vivência em determinado período histórico e social, que traz os dados da cultura onde ela é estabelecida e o tempo pelo qual ela é concebida. Imersos nos conceitos hegemônicos da sociedade contemporânea, depara-se com jovens assustadoramente inseguros e bravamente imediatistas. (GRISPUN e GUIMARÃES, 2008, p. 8)

Certamente adjetivar a juventude pela insegurança e efemeridade não é uma novidade, mas é indispensável reconhecer a complexidade apontada também por estas autoras em relação às representações atribuídas a esta categoria juventude. Daí, retomando as abordagens mais contemporâneas de juventude, podemos identificar com base em Stuart Hall (1995) em seus estudos sobre a identidade na pós-modernidade, que para além de constituir-se como um processo biológico, são elaborações que assumem caráter histórico, portanto não se trata de encontrar uma noção unificada no 'eu' que se possa chamar de identidade, mas de reconhecer que o sujeito assume diferentes identidade de acordo com as circunstâncias.

O reconhecimento de que a identidade é sempre relacional e, nesse caso, a identidade juvenil também só pode ser compreendida numa relação com as outras faixas etárias e num contexto espaço-temporal definido, constitui um fundamento para que possamos aplicar esta abordagem à categoria que ora trabalhamos. A identidade é um daqueles conceitos que desponta em vários discursos acadêmicos ou não e que precisa de um enquadramento que supere uma concepção essencialista. Stuart Hall (2000, p. 103) defende a necessidade de se fazer uma desconstrução de determinados conceitos, como é o caso da identidade, a fim de que este possa superar leituras antigas e permitir a emergência de algo que ainda não se constitui um novo conceito.

Observemos a produção de Hall

⁷ GRISPUN M.P.S.Z. & GUIMARÃES, G.G. revisitando as origens do termo juventude: a diversidade que caracteriza a identidade. 31ª Reunião Anual da Associação nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Caxambu, 2008. Anais Eletrônicos: <http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GT20-4136--Int.pdf>

(...) as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação. (HALL, 2000 p. 108)

Uma vez sujeitas a esta “historicização” radical, segundo Hall, as identidades operam sob tensão, porque são permanentemente atropeladas por uma realidade onde o tempo se comprime. Mas também é preciso uma *geografização*, ou uma *espacialização* radical destas identidades, porque são completamente permeadas pela experiência da diferença, uma diferença que não se processa apenas ao longo do tempo, mas que se dá pela multiplicidade de espaços com que convivemos atualmente, que com intensidade incide sobre os sujeitos, em seus corpos, em suas atitudes e se reproduz socialmente.

Por fim, para definitivamente apresentar nossa crítica a esta concepção hegemônica de juventude, cabe uma reflexão sobre a ideia de progressão para o futuro, ou seja, a ideia de que se trata de uma vida ordenada para o que está por vir. Esta concepção de identidade em trânsito é muito forte e carrega em si um potencial que inspira boa parcela do que se produz sobre juventude.

O ordenamento temporal como principal propulsor das representações variadas sobre a juventude é fonte para compartimentações etárias. Os elementos de ordem objetiva e subjetiva na formação dos sujeitos estão, em linhas gerais, ordenados de modo que estes orientem suas escolhas e comportamento a partir deste horizonte.

Talvez a maior riqueza – ou armadilha, se preferirem – é a dimensão positiva que isto reflete. O futuro é apresentado recorrentemente como um campo infinito de possibilidades, de um modo que quanto mais projetamos a partir dessa ideia, maiores serão nossas possibilidades. Se a crise de valores e de paradigmas do mundo contemporâneo tem como consequência uma crítica permanente a tudo que é antigo ou que corresponde ao modo de pensar e agir da modernidade, posto que este modo não tem mais reatamento na realidade, a vida projetada para futuro na juventude é uma vida que se opõe ao que está posto. A novidade é sempre melhor e está no futuro.

Esta temporalidade apontada para o futuro nos impulsiona a reconhecer o eixo de uma relação paradoxal que estabelecemos com a juventude.

O homem universal que emerge da modernidade, a despeito de sua pretensa consciência de mundo e seu raciocínio lógico e decodificador dos fenômenos, constituiu-se como um projeto absolutamente dominado pelo desafio de se contrapor ao conjunto de visões e valores construídos ainda sob os referenciais da transcendência. A construção de um referencial de civilização deu-

se com base na consolidação da igualdade humana genérica e da defesa de uma cidadania mais ampla, independente das mais variadas diferenças, desde aquelas a base do fenótipo humano às marcadamente sociais e culturais.

No caso específico da juventude, a certeza de que cada sujeito nasce, cresce e se desenvolve, cabendo principalmente aos poderes instituídos – em especial Estado e Família – responsabilizarem-se por sua introdução neste mundo real, é inquestionavelmente um modelo de racionalidade que se torna hegemônico. Desta introdução racionalmente conduzida dependeria este projeto cosmopolita de um sujeito capaz de si e senhor do mundo.

Entretanto, por outro lado, esta universalidade construída como maior patrimônio da ciência moderna, nos legou um futuro controverso. As grandes promessas ideológicas da modernidade se mostraram insuficientes para promover as experiências particulares. Sob a defesa da igualdade, da fraternidade e da liberdade, em nome de uma maioria, os emblemas fundantes da modernidade burguesa naufragaram em supor que conseguiriam embarcar as diferenças múltiplas dos sujeitos reais em suas teorias e elaborações pragmáticas do mundo.

As contradições emergem e as rupturas são inevitáveis. O que esta dimensão epistemológica do sujeito auto-referenciado não consegue traduzir e que uma categoria sócio-analítica também não dá conta, é a diversidade e a intensidade de experiências jovens que fogem do roteiro pré-estabelecido. Além disso, a ruptura mais óbvia do ponto de vista da própria produção científica está na incapacidade de que esta concepção de juventude como um fenómeno cronobiológico tem em explicar a existência de grupos tão heterogêneos e que estabelecem novas e inovadoras trajetórias no mundo que em vivem.

A Objetivação da Juventude

Há um reconhecimento de que esta figura, o jovem, é produzida no contexto das ideias concebidas e difundidas pelo universo adulto. Se o termo juventude, no sentido etimológico da palavra, advém de “juvenis” que quer dizer “aquele que está em plena força”³⁹, a sociedade greco-romana invocava a figura da deusa grega Juventa, como símbolo dos processos de mudanças que podiam ser constatados através da inserção dos mais novos no mundo adulto.

Não é nossa intenção fazer um retrospecto desta construção, mas cabe assinalar que experimentamos marcos de um processo de individualização das concepções de juventude. Desde as sociedades clássicas, passando pela Idade Média, até chegarmos à construção deste sujeito

moderno, observamos uma tentativa de apreensão da realidade de modo objetivo. Distintas abordagens das ciências parcelares serão construídas tendo como referencial o movimento pela razão. Na sociologia do conhecimento, Karl Mannheim torna-se o pioneiro na construção de uma sociologia da juventude que emerge como protagonista dos movimentos revolucionários dos anos 60; na antropologia, com os estudos de Margaret Mead, ainda nos anos 30, a partir de pesquisa do universo de sociedades afluentes, onde a pesquisadora assinala elementos das práticas de crianças e adolescentes destas comunidades; as abordagens históricas que Eric Hobsbawn faz sobre os jovens num contexto dos seus hábitos de consumo. Em síntese, diferentes abordagens sobre a juventude, sejam estas sociológicas, antropológicas, psicológicas, historicistas ou biológicas, cumpriram a função cientificista de objetivação do fenômeno.

Antes de introduzirmos efetivamente a nossa crítica de objetivação da juventude, é pertinente fazer um reconhecimento do ponto de vista que nos orienta. Concordamos com Pierucci (1999, p. 109) com sua análise de que é preciso operar a produção do conhecimento através do exercício universal da cidadania, o que supõe, na tese do autor, afirmar a necessidade de elementos racionais-formais que nos ajudem a mediar as relações entre os sujeitos e destes com os objetos⁸. Entretanto o nosso enfoque reside numa objetivação que tende a reduzir a diferença a uma perspectiva individualizante, numa crença inabalável da representação que restrinja os horizontes da emancipação dos sujeitos.

O primeiro elemento de nossa análise desta objetivação é o grau de manipulação da experiência de ser jovem que a modernidade nos legou. Indiscutivelmente a representação mais relevante em termos desta manipulação está exatamente em sua construção como uma categoria referenciada na vida futura e, neste caso, no universo adulto. Suas características são, desse modo, alheias à vontade e ao movimento de cada indivíduo. Trata-se de uma individualização engendrada a partir da realização dos desejos dos adultos.

O triunfo da concepção humanista se deu pela consolidação do pensamento moderno sobre os sujeitos. Em termos da juventude, esta vitória se manifesta na sua identificação como um fenômeno associado ao aperfeiçoamento do homem até sua plena capacidade de tornar-se senhor de si e do mundo. É o sujeito da representação, portanto, uma espécie de manipulação do real através da manipulação do modo de pensar do homem moderno.

⁸ O autor salienta em *Ciladas da Diferença*, sua crítica às novas mobilizações, que denomina diferencialistas, que tendem a colocar em risco a crença insubstituível da democracia representativa. Respeitadas as devidas proporções e motivações, sua construção sustenta a tese de que estas mobilizações podem nos conduzir a perda de referenciais históricos que contribuíram para a universalização do direito e das liberdades individuais.

Deste modo, o principal legado da juventude é ser protagonista de um mundo já definido, o que evidentemente supõe não ser por si mesma. Seu corpo em mudança aponta para o amadurecimento. Seu tempo e espaço são definidos por limites. É a construção de uma identidade num contexto da “moratória social”⁹, implicando na naturalização da existência de espaços específicos da juventude, dos quais não tem como se contrapor.

Abramo sobre este ponto destaca a partir de uma ordem temporal o que chama de movimento de socialização dos jovens.

Tal como foi consolidado no pensamento sociológico, a juventude ‘nasce’ na sociedade moderna ocidental (tomando um maior desenvolvimento no século XX), como um tempo a mais de preparação (uma segunda socialização) para a complexidade das tarefas de produção e a sofisticação das relações sociais que a sociedade trouxe. Preparação feita em instituições especializadas (a escola), implicando a suspensão do mundo produtivo (e de permissão de reprodução e participação); estas duas situações (ficar livre das obrigações do trabalho e dedicado ao estudo numa instituição escolar) se tornam os elementos centrais da condição juvenil. (ABRAMO, 2008, p. 41)

Neste mesmo artigo a autora destaca a dimensão da transição na perspectiva da noção de moratória social, ou seja, um adiamento dos deveres e direitos da produção, reprodução e participação em nome de uma cidadania a ser exercida no futuro.

Ao assumir o compromisso com o que herdou, esta juventude é cada vez mais objeto de representação. Os critérios objetivos que dão conteúdo à representação da juventude são, conforme nos aponta Bourdieu (1989), atos de percepção e de apreciação, de conhecimentos e de reconhecimento, os quais os diferentes agentes investem seus interesses, seus pressupostos. As representações por esta ordem objetiva tendem a se constituir como estratégias de manipulação simbólica. O real passa, desse modo, a ser constituído de imagens mentais num contexto de manipulação e de disputas conceituais. No esteio desta representação entra a disputa pela classificação. Estas permitem o que o sociólogo francês chama de um jogo de poder. Ao impor uma visão do mundo social, impõem-se sentidos ao mundo, impõem-se consensos, constroem-se identidades, unidades de grupo. É a objetividade a serviço da reprodução das relações sociais.

A ideia de geração é uma consequência deste processo de construção de identidades de grupo. Os mais novos assumem o mundo herdado e, portanto, assimilam os conteúdos em seu contexto espaço-temporal. Consequentemente, cada grupo, a seu tempo, consolida seu espectro

⁹ Termo construído na psiquiatria na década de 1970, utilizado pela primeira vez pelo psiquiatra alemão chamado Erick Erickson, no contexto de sua Teoria do Desenvolvimento Psicossocial. Resumidamente refere-se à dimensão de transição atribuída aos adolescentes e jovens, uma espécie de compasso de espera para que estes assumissem as responsabilidades da vida adulta.

de atuação a partir dos desafios adstritos a sua vida, o que explicaria uma versão temporalizada de juventude, tal como encontramos nos termos de uma análise do papel político-ideológico dos jovens que os ordena por décadas – a geração dos anos 60, 70, 80 e assim por diante.

Porém, esta experiência manipulada de juventude não se dá sem conflito. É completamente desrespeitoso e seria uma ingenuidade considerar que as heranças são recebidas, os valores transferidos, os comportamentos definidos, sem que não houvesse qualquer contestação. Muito ao contrário, estamos operando num mundo repleto de rasuras, que envolvem avanços e retrocessos. A unidade da representação é alvo permanente do conflito. Ao mesmo tempo em que a juventude carrega uma áurea positiva, também inspira sentimentos de medo e desconfiança.

Tomemos de novo as análises de Melucci (2007) que evidenciam uma sociedade permanentemente regida pela disputa. O autor pontua

O que quero dizer é que sociedade não é a tradução monolítica de um poder dominante e de regras culturais na vida das pessoas, ela lembra um campo interdependente constituído por conflitos e continuamente preenchido por significados culturais opostos. Os conflitos se desenvolvem naquelas áreas do sistema mais diretamente expostas aos maiores investimentos simbólicos e informacionais, ao mesmo tempo sujeitas às maiores pressões por conformidade. (MELUCCI, 2007, p. 31)¹⁰

Dentro os grupos mais expostos a este conflito estão os jovens. Os padrões de desenvolvimento humano estabelecidos socialmente não mais conseguem propagar uma sensação de harmonia e de certeza quanto ao futuro. Temporalidade e espacialidade construídas para consolidar uma experiência de ser jovem são objeto de múltiplas tensões. Um bom exemplo disso está na dimensão, já mencionada, do futuro promissor. A concepção da ‘moratória social’ aponta para um adiamento provisório de ingresso no mundo adulto e das vantagens e desvantagens que este mundo lhe proporciona. Este adiamento envolve a dimensão da promessa, ou seja, das recompensas a receber futuramente. Contudo, o discurso não se verifica na prática. Os comportamentos sociais, culturais e políticas que se deseja que o jovem desenvolva não viabilizam efetivamente sua inserção no universo adulto, em especial quanto ao circuito da economia produtiva. Por outro lado, ainda, este adiamento da vida adulta é geralmente assegurado para determinadas classes sociais, no geral, as médias e altas. Para os filhos da classe trabalhadora, compromissos de trabalho, de responsabilidades e responsabilizações são

¹⁰ In: FÁVERO et al (orgs.), 2007, p. 31.

geralmente antecipados, por vezes em muitos anos.

Do ponto de vista da espacialidade é perfeitamente reconhecível que os jovens se defrontem atualmente com as tensões, com os espaços pré-definidos de socialização a que estão sujeitos. Permanecer na escola e eximir-se dos ambientes de trabalho não mais se apresenta para muitos jovens como destino, como inevitável. Ainda mais porque estes espaços são contraditórios em termos do que se propõem a deixar de legado para a vida dos jovens. Muito ao contrário disso, os jovens têm buscado opor-se aos ambientes e códigos específicos de cada espaço social. As trajetórias individuais parecem substituir cada vez mais os caminhos previamente definidos e as identidades tramadas por sua posição social no contexto da sociedade desigual que vivemos.

Não podemos falar de *juventude*, mas da existência de *juventudes*. Existem formas diversas de relacionar-se, linguagens próprias, leituras e interpretações de mundo completamente variadas, embora ainda impere um determinado juízo que emite valoração a partir do horizonte do ordenamento, da conformidade. Consequentemente isto gera tensão. Confronta-se o mundo prescrito para os jovens em forma e conteúdo com um conjunto tão difuso e controverso de modos de ser que geram polêmica e contestação.

Em resposta aos efeitos imediatos da compressão do tempo e do espaço dos jovens na contemporaneidade, os campos cognitivos e emocionais destes sujeitos têm sido marcados pela valorização do estar, do fazer. Não mais a herança se coloca como fonte inquestionável das práticas e condutas sociais dos jovens.

Sobre isto, concordamos com Hobsbawn (1995, p. 317), em sua análise sobre juventude e consumo. Ele destacará os elementos centrais que identificam este grupamento, mesmo que estes possam estar ancorados em tempos remotos. Segundo o historiador, a juventude como a vemos é um patrimônio da modernidade, portanto seus elementos constituidores corroboram a forma capitalista de se reproduzir as relações sociais. O autor identifica três grandes contribuições da construção de um sentido de juventude no século XX que podem estar associados à sociedade do consumo. A primeira delas é a noção de vitalidade e de transformação social que são vinculadas ao jovem, como uma crítica às práticas mais conservadoras e tradicionais. Carregaria o jovem, portanto, a marca da mudança. Os jovens rompem com as tradições e romper com as tradições é apresentar o novo como paradigma. São eles portadores da mudança, da novidade num mundo aparentemente carente de inovação, repleto de contradições, de atrocidades, de visões conservadoras e arcaicas.

A segunda é o fato dos jovens serem mais capazes de absorverem as inovações

tecnológicas, superando os pais num conhecimento cada vez mais alterável. Seriam, portanto, os jovens portadores da inovação e promoveriam o que o autor chama de uma “inversão geracional”, uma vez que passam a dominar conhecimentos que seus pais, no geral, não conseguem alcançar no ritmo que eles o fazem. Desse modo, os avanços da tecnologia, além de romperem com entendimentos mais conservadores do mundo, promovem uma ruptura com a ideia do tempo como uma flecha, uma vez que a sequência naturalizada das coisas envolve que os mais velhos deem o caminho aos mais jovens, perpetuando a concepção da vida desenvolvida em ciclos.

Por fim, com a internacionalização da economia, os jovens expressariam uma cultura planetária, adotando hábitos, marcas, estéticas que podem ser encontradas em todas as partes do planeta, embora seus ícones possam ser datados e localizados em determinados países. Seriam os jovens os precursores de uma nova cidadania marcada pela internacionalização dos hábitos e costumes, portanto também seriam genericamente mais universais e comunicáveis.

Entretanto, se concordamos com a interpretação do autor, não podemos deixar de reconhecer que uma abordagem tão bem argumentada sustenta a noção de que o consumo é chave fundamental para a constituição das identidades juvenis. E nesse caso, estaríamos mais uma vez operando com as ferramentas que alcançam os jovens de maneira bastante distinta e irregular. Em outras palavras, a possibilidade de encarnar mudanças, inovações e a internacionalização de hábitos e costumes não é tão óbvia para todos aqueles que se situam nesta determinada faixa etária.

Reconhecendo este signo da inovação e da possibilidade de construção do novo, marca indelével da liberdade moderna, seria prudente uma contextualização, uma vez que este ritmo de inovação e este campo de possibilidades não estão tão ao alcance de todos os indivíduos, independente de sua faixa etária, origem e gênero.

Uma análise muito pertinente dos diferentes tempos e espaços vivenciados pelos indivíduos jovens atualmente, encontramos na produção científica de Milton Santos, para quem a juventude enfrenta um mar de incertezas num mundo marcado por contradições e pelo domínio irrefutável da técnica.

Santos (Apud RIBEIRO e LOURENÇO, 2003) destaca a configuração de um meio técnico-científico-informacional que tem impacto sobre os circuitos produtivos, sobre a aceleração a vida social e se baseia na difusão das inovações tecnológicas. Segundo este autor, o mundo da globalização se alimenta pela lógica da constante atualização, modernização dos objetos e processos e, destaca ainda o autor, isso se apoia na expansão da indústria cultural. Tal

processo tem efeito significativo sobre a juventude.

Os jovens são os principais alvos e os principais representantes de uma lógica do eterno novo, do instantâneo e imediato, fruto da constante transformação que impera nos espaços da produção e da vida social.

Uma abordagem que nos parece afinar-se à complexidade apresentada por Santos é das autoras Ana Clara Torres Ribeiro e Alice Lourenço em publicação organizada por Fraga & Lulianelli (2003) sobre a juventude brasileira contemporânea. Observando as “marcas do tempo” na construção da categoria de juventude, as autoras destacam um intenso processo de manipulação da experiência subjetiva de ser jovem, sobretudo através da expansão da indústria cultural, do predomínio da cultura do imediato e do instantâneo entre os jovens e do culto ao corpo. Tal produção acentua a crítica a esta cultura contemporânea, revelando-nos a própria manipulação e alteração da periodização da vida, uma vez que desejos e necessidades são forjados por uma gama de setores da produção, são estimulados pelos veículos de comunicação e são incorporados como boas experiências de vida, consolidando um mundo sob o domínio das mercadorias e da simulação da existência individual e coletiva, aos moldes do que Debord chamou de “Sociedade do Espetáculo” (1997).

O predomínio do imediato e o estabelecimento de um padrão de tempo ditado pela velocidade das transformações têm aprisionado os jovens a práticas sociais cada vez mais superficiais e mais centradas em seus próprios anseios e desejos, o que sob outra análise, dificulta a sua capacidade de pensar e planejar suas ações. É notório, por exemplo, que muitos jovens de hoje tenham grandes dificuldades em estabelecer projetos de longo prazo como a educação, uma vez que isso exige investimento de tempo e empenho significativos. A consequência mais imediata disso é o esvaziamento do significado da escola e da educação formal na vida destes jovens, em especial daqueles oriundos dos espaços populares.

Uma pausa é bastante oportuna neste ponto. A cultura do individualismo e do consumo traz impactos por demais sobre a vida dos jovens, mas especificamente para os jovens pobres ela tem os desdobramentos mais negativos. As adversidades enfrentadas por estes no sentido da sobrevivência e o déficit de investimentos sociais públicos e privados em seus locais de moradia, tornam-se mais agudos na medida em que se fortalece a concepção de que vivemos numa sociedade competitiva, meritocrática e individualista. Os jovens de origem popular são os que menos se encaixam nos padrões de consumo e nos padrões estéticos vendidos pela indústria cultural, portanto são facilmente desconsiderados por esta. Na construção simbólica da juventude

contemporânea não há espaço para as práticas, melhor ainda dizer, para o universo dos jovens pobres, que são descartados pela economia mundial. Esse processo de esvaziamento do outro na perspectiva do pensamento das classes mais abastadas, o que as autoras denominam de objetivação do outro, ou seja:

A atual modernização trouxe, portanto, algo novo: a anulação do outro, desacreditado opositor, e a possibilidade de que a política, em seus elos com a economia, se realize sem o controle social decorrente da busca da legitimidade. (RIBEIRO e LOURENÇO, 2003, p. 43)

Em última análise, o jovem objetivado é aquele que não conduz seu próprio destino e constrói ações em termos de projeto de futuro. Essa caracterização tende a ser sustentação para um conjunto de representações negativas, como a violência, a agressividade, para o caso dos jovens pobres.

O jovem contemporâneo, vivendo num mundo marcado pela incerteza, não cumpre exatamente o comportamento socialmente desejado ou pratica as marcas identitárias recorrentemente atribuídas a esta faixa etária. Neste sentido, a concepção de geração, embora não perca seu sentido mais genérico de matriz cronológica, padece da dimensão sócio-política, uma vez que as práticas deste grupo não podem necessariamente ser compreendidas na sua relação com o contexto sócio-cultural e com o futuro. Aqui o tempo não está mais afixado no mesmo lugar, não se movimenta linearmente conforme os padrões historicamente vigentes. Por isso temos uma juventude marcada pela experiência individual e solitária, e que não enxerga os ecos de sua própria prática social. São jovens que acreditam somente na experiência vivida do momento, uma vez que o presente é fragmentado, multifacetado e o futuro não se governa.

Conforme apontado por Melucci (2007, p.36)¹¹, a opinião mais comum sobre a juventude contemporânea assenta-se na noção de que os jovens, diante das amplas possibilidades sociais e culturais que se multiplicam atualmente, se opõem a identidades únicas e compartilham de formas mais diversas de relacionamentos, linguagens e condutas sociais. Mas o fazem como resposta ao bombardeio de estímulos que a realidade lhes direciona. Assim, a experiência presente, mais do que a experiência transmitida pelas gerações anteriores, formados agora pelos adultos, é a tônica. Essa experiência é, ainda segundo o autor, centrada nas atitudes, na realização, na experimentação concreta e menos algo a se ter, a um futuro a construir, imprevisível, inventivo, repleto de contradições.

¹¹ Id, 2007, p. 36.

A construção de todo um arcabouço jurídico-institucional para consolidar o modelo ternário da vida, ou seja, da infância/juventude, passando pela fase adulta e chegando a velhice (ou como se prefere chamar de fase dos idosos) foi cabendo ao Estado consolidar o controle em termos legais e simbólicos deste modelo. Mas, as transformações do mundo produtivo nos últimos anos trataram de produzir um descompasso em termos do tempo e do espaço planejado. Nenhuma destas categorias consolidadas sob a égide do capital conseguem manter-se do mesmo modo como foram planejadas. Convivemos com novos arranjos produtivos que rompem com as clássicas estruturas de tempo e espaço. Com isto a ordem da vida cotidiana não é mais facilmente traduzida pelas posições de cada indivíduo numa escala temporal e espacial previamente definida. O estudo não é garantia de emprego. O ingresso na vida adulta em termos etários não é sinônimo de responsabilização e emancipação. O exercício da sexualidade adulta se antecipa sem que os referenciais de maturidade se alterem completamente.

Em termos sociais e simbólicos as rupturas são também visíveis. O desemprego e a pobreza atuam de modo bastante distinto sobre possíveis antecipações à vida adulta. Os jovens de origem popular podem ter seu contexto de aprendizagem, experimentação subtraída em nome do acesso precoce ao mundo do trabalho.

Finalmente cabe dizer que o ordenamento temporal estabelecido em nome da estratégia de controle e de predição se apresenta cada vez mais esquizofrênico em termos de significado social. As fases da vida ficam mais obscuras. Além disso, os avanços tecnológicos em termos da medicina e em termos estéticos tende a postergar a juventude. Mais precisamente tende a transformá-la num desejo permanente. A promessa da eterna juventude tornou-se uma potente alavanca para a cultura do consumo numa sociedade capitalista como a nossa. Permanecer jovem é um desejo, é um fetiche. Esta *juvenização*¹² da sociedade, embora empenhada em se apresentar como um fenômeno positivo, posto que ancora-se no discurso da melhoria geral das condições de vida, torna o cenário da juventude ainda mais difuso e complexo. Em termos dos jovens que são sujeitos desta tese, fica o desafio de reconhecer os elementos que são centrais quanto ao desafio de sua visibilidade política, sua atuação autônoma e não dirigida pela lógica do consumo.

Assim sendo, as diversas representações da juventude por vezes pouco contribuem para compreensão dessa categoria, e apresentam-se muito mais como mitificações. É preciso que nos coloquemos diante delas na perspectiva da interrogação, ou seja, que possamos ir além daquilo que está na superfície dos conceitos e das clássicas representações. Há, portanto, uma

¹² Id, 2007, p. 25

reconstrução a ser feita no que se refere ao conteúdo e às definições sobre o conceito de juventude. Entendemos que essa contribuição é indispensável para pensarmos a construção de uma sociedade mais justa onde a ação e o discurso caminhem no sentido de favorecer a condição dos sujeitos sociais.

A partir desse percurso realizado, é imperativo ao nosso estudo uma adequação do termo juventude a pluralidade que lhe configura desde sua origem. Sentidos, particularistas ou universalistas, ambíguos ou não, carregados de juízos de valor ou mesmo marcados por uma caracterização físico-biológica, não nos permitem uma construção homogênea da categoria juventude. Mais prudente é considerarmos a existência de juventudes como objeto de estudo e nos atentarmos para este caráter dinâmico e diverso da construção destes sujeitos na Polis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso reflexivo que fizemos até aqui nos credencia a admitir o quão fundamental é a disputa política e conceitual contida na construção da categoria social juventude. Ela nos ajuda a enfrentar desafios sociais que temos na construção de uma sociedade mais digna e efetivamente justa, especialmente para aqueles que não são os controladores do mundo adultocêntrico¹³ que nos rege.

Neste contexto de disputa conceitual e política em torno de como compreendemos e lidamos com a juventude, urge pensar os parâmetros de organização centrada no tempo, que desaguam dentre muitas referências nas noções de etapa de vida, de ciclos apontando para o futuro. Os projetos de sociedade que projetam os jovens também podem usurpar seus sonhos. Estes projetos, como de acesso ao capital cultural, acesso a trabalho com dignidade, direito à felicidade e ao mundo adulto com responsabilidade, são muito legítimos e devem ser perseguidos. Contudo é comum que os espaços prescritos aos jovens deleguem a este um mundo que já opera sob o fracasso, sobre a derrota, que não oferece possibilidades, mas os ameaça sob a justificativa de que são responsáveis pela reprodução do que está posto, mesmo que o que esteja posto não seja conveniente.

Outro caminho necessário também reside em nossa capacidade como intelectuais de dar visibilidade as múltiplas trajetórias juvenis que marcam o mundo contemporâneo. São ensaios a

¹³ Utilizamos este termo aqui para nos referir a noção de que nossa sociedade sem duas mais diversas dimensões adota a figura do adulto como referência para se organizar.

vida, marcados pela fluidez e pelas contradições do tempo presente. Mas estes grupos tão heterogêneos também trazem consigo inventividades que precisam ser visibilizadas, sob pena de não operarmos com as questões que afligem o universo dos que acabaram de chegar ao mundo e o herdam para deixar seu legado.

E objetivamente, para finalizar as leituras mais contemporâneas de juventude têm incorporado outras formas de compreensão dessa realidade. Talvez em busca de uma alternativa à juventude militante dos anos 60 e 70 e à juventude alienada dos anos 80, vários autores têm se dedicado a estudos sobre outros aspectos da juventude, sobretudo, pensando as manifestações culturais contemporâneas de diferentes grupos sociais. Nessa perspectiva, estudos têm apontado o campo da cultura como um campo onde os jovens expressam significado a sua vida e a sua realidade, por onde estabelecem estratégias de reprodução social e constroem sua subjetividade. Embora reconheçamos um possível risco da propagação de ideias que possam esvaziar o potencial político transformador da juventude e tender para a anulação dos jovens como sujeitos sociais históricos, é importante que sejamos fiéis ao quadro de novos rostos e práticas juvenis.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. W. & BRANCO, P. P. M. (orgs.) **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.
- AYTKEN, Stuart C. **Geographies of young people. The morally contested spaces of identity**. London and New York: Routledge. Taylor & Francis Group, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero. P. 112-121. 1983
- CASSAB, Clarice. (Re)Construir Utopias: jovem, cidade e política. **Tese de Doutorado em Geografia**. Instituto Geociências. Niterói: [s.n.], 2009.
- CASSAB, Maria Aparecida Tardin. **Jovens pobres e o futuro: a construção da subjetividade na instabilidade e incerteza**. Niterói: Intertexto, 2001.
- CASTRO, M.; ABRAMOVAY, M. **Por um novo paradigma do fazer políticas de/ para/com juventudes**. Brasília: UNESCO, 2003.
- CORSEUIL, Carlos H. & BOTELHO, Rosana U.(orgs). **Desafios à trajetória profissional dos jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Ipea, 2014.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo** / Guy Debord; tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DAMASCENO, I, BARBOSA, J. L (orgs) **Juventudes das cidades**. 1. Ed. – Rio de Janeiro: Letra Capital, 2020.

D'ANDREA, T. **Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos.** Novos Estudos Cebrap, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 19 – 36, 2020.

FREIRE, Denise Guichard. **Os jovens que nem trabalham e nem estudam no Brasil.** Curitiba: Editora CRV, 2018.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos. Uma história dos costumes.** Volume I Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FAVERO, Osmar et al. (orgs). **Juventude e Contemporaneidade.** – Brasília : UNESCO, MEC, ANPED, 2007. 284 p. – (Coleção Educação para Todos; 16).

GRINSPUN, Mirian P. S. Z. & GUIMARÃES, G. G. **Revisitando as origens do termo juventude: a diversidade que caracteriza a identidade** .31^a. Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Caxambu, 19 a 22 out 2008. Anais Eletrônicos: [http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GT20-4136-- Int.pdf](http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GT20-4136--Int.pdf)

IBGE. Departamento de População e Indicadores Sociais. **Série Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica. População Jovem no Brasil.** N.3, 1999. IBGE.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 3^a. Edição. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999

HOBSBAWM, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PAULA, Flávia M de A.; CAVALCANTI, Lana de S.; PIRES, Lucineide M.(orgs). **Os jovens e suas espacialidades.** Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2016.

PIERUCCI, Antônio F. **Ciladas da diferença.** São Paulo: USP, Curso de Pós Graduação em Sociologia: Editora 34, 1999.

RIBEIRO, Ana Clara Torres & LOURENÇO, Alice. Marcas do Tempo: violência e objetivação da juventude. In: FRAGA, P. C. P. & LULIANELLI (orgs.), A. S. **Jovens em tempo real.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003

ROCHA, Rosamaria Luiza de Melo. Corpos significantes na metrópole discursiva: ensaio sobre fetichismo visual e ativismo juvenil. Significação-**Revista de Cultura Audiovisual**, v. 39, p. 126, 2012.

SECRETARIA NACIONAL DA JUVENTUDE. **Agenda Juventude Brasil: pesquisa nacional sobre o perfil e opinião dos jovens brasileiros.** Brasília: SNJ, 2014.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: espaço e tempo: razão e emoção.** 3^a edição. São Paulo: Hucitec, 1999.

SIMÃO, Mário P. Cartografias de jovens como sujeitos políticos: dos espaços de identidade aos espaços de visibilidade. **Tese de doutorado** submetida a Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense. Niterói: [s.n], 2013.

TURRA NETO, Nécio. Contexto geográfico e campo de possibilidades para a leitura geográfica das juventudes. **Revista Mercator**, Fortaleza, v. 24, e24017, 2025 ISSN:1984-2201.